

2.

O rolo, o códice e a tela: um estudo sobre a evolução e a transformação de três suportes textuais

“Os antigos não professavam nosso culto ao livro; viam no livro um sucedâneo da palavra oral. Aquela frase que se cita sempre - *Scripta Manet verba volant* - não significa que a palavra oral seja efêmera, mas que a palavra escrita é algo duradouro e morto. Em troca, a palavra oral tem algo de alado, de leve; alado e sagrado, como disse Platão” (Jorge Luis Borges, ‘El libro’, in: *Borges Oral*, 1978)

Roger Chartier, historiador francês, professor e diretor do Centro de Pesquisas Históricas em Ciências Sociais da École des Hautes Études em Paris, tem se dedicado aos estudos da escrita e da leitura e de seus suportes através dos tempos. Como ele próprio afirma, sua tarefa é a de questionar e refletir a respeito das operações que ocorrem no encontro entre o mundo do texto, o mundo do leitor e o mundo do escritor. Para ele, as obras, os discursos, somente existem quando se tornam realidades físicas, ou seja, quando são inscritas sobre as páginas de um livro. Assim sendo, enfatiza que uma grande atenção deve ser dispensada aos dispositivos técnicos, visuais e físicos que organizam a escrita e a leitura, ou seja, aos suportes de escrita e de leitura. Investigar tais dispositivos, contudo, não parece uma tarefa simples, principalmente se considerarmos que Roger Chartier percorre quatro importantes períodos da história da escrita e da leitura Ocidentais: a Antiguidade grega e romana; o período entre os séculos II e IV da era cristã; o final da Idade Média, mais especificamente os séculos XIV e XV; e a contemporaneidade.

Nestes períodos, suas investigações e reflexões se concentram nos escritores e nos leitores e na relação destes com os textos, a partir de diferentes suportes textuais. Embora seu trabalho seja contemporâneo, Chartier quase sempre mantém seu olhar voltado para trás. De acordo com ele mesmo, manter o olhar voltado para trás ajuda a compreender os significados e os efeitos das rupturas resultantes dos usos de novas modalidades de composição, de difusão e de apropriação do texto escrito. Entre as lamentações nostálgicas e os entusiasmos ingênuos suscitados

pelas novas tecnologias relacionadas ao mundo do texto - como a invenção do alfabeto, da imprensa e da escrita digital - a perspectiva histórica utilizada em seus estudos pode traçar um novo caminho. A partir deste novo caminho, podemos travar contato com importantes transformações das práticas de leitura e de escrita e com novas modalidades de publicação. Podemos refletir a respeito das relações entre escritores e textos, leitores e textos e escritores e leitores, e também sobre como estas relações se transformaram através dos tempos na medida em que os suportes textuais foram se alterando.

No presente capítulo, tomarei como base os estudos e as reflexões de Roger Chartier, focando especialmente em quatro de suas obras: *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII* (1998), *A aventura do livro: do leitor ao navegador* (1999), *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit* (2001) e *Os desafios da escrita* (2002). Farei uma breve descrição dos diferentes suportes da escrita através dos tempos tendo como ponto de partida o rolo de papiro¹ da Antigüidade grega e romana. Posteriormente, considerando diferentes suportes textuais, discutirei as relações dos escritores e dos leitores com os textos. Seguindo a perspectiva que se inicia na Antigüidade grega e romana e vai até os dias atuais, investigarei também as relações entre escritores e leitores e as transformações destas a partir das alterações dos suportes de escrita e de leitura.

2.1.

A escrita e a leitura a partir de diferentes suportes off-line

Chartier propõe uma questão como um dos pontos iniciais de sua investigação: como compreender as mudanças da cultura escrita em uma perspectiva de longa duração? A partir desta pergunta, ele dá início a um debate e a uma discussão interessantes sobre a cultura escrita.

¹ Papiro é uma grande erva da família das ciperáceas (*Cyperus papyrus*), própria das margens alagadiças do rio Nilo, na África, cujas compridas folhas forneciam hastes das quais se obtinha o papiro, material sobre o qual se escrevia. (Ferreira, 1986)

Inicialmente, Chartier (2001) sugere uma longa e intrigante jornada ao passado, que se inicia, mais especificamente, na Antigüidade grega e romana. Tal jornada passa pelo período entre os séculos II e IV da era cristã, pelo final da Idade Média, entre os séculos XIV e XV, até chegar ao Iluminismo no século XVIII. Sendo assim, será este o caminho percorrido nas próximas seções desta investigação e o foco do percurso será dado ao mundo do texto, ao mundo dos leitores e ao mundo dos escritores das épocas sugeridas por Chartier.

2.1.1. Do rolo ao códice

Uma questão essencial ao se refletir sobre escrita e leitura é considerar que os textos não existem fora de seus suportes materiais, sejam eles quais forem. Os suportes funcionam como veículos dos textos. Chartier (2002) nos lembra que as formas que permitem a escrita e a leitura de um determinado texto participam profundamente da construção de significados do dado texto. Portanto, um mesmo texto, fixado em letras em um determinado suporte textual, não é o mesmo caso mudem os dispositivos que servem de base à sua escrita e à sua comunicação, ou seja, seus suportes. Partindo da premissa de que o suporte é fundamental e determinante para a escrita e para a leitura, tomarei o rolo e o códice como os dois suportes iniciais desta investigação.

A leitura e a escrita de textos na Antigüidade grega e romana em nada se assemelha à leitura de livros tal qual a conhecemos na contemporaneidade. O livro antigo era um rolo (ou *volúmen* em latim), uma longa faixa de papiro ou pergaminho² que o leitor segurava com as duas mãos durante a leitura. Os textos, manuscritos, eram dispostos horizontalmente no rolo e distribuídos em colunas. O leitor desenrolava o texto com a mão direita e enrolava as partes lidas com a mão esquerda. Tal suporte acarretava diversas limitações para os atos de escrever e de ler. É difícil imaginar um escritor de rolo produzindo seus textos e segurando o rolo de papiro ao mesmo tempo. Na Antigüidade grega e romana ler e escrever eram

² Pergaminho era a pele de cabra, de ovelha ou de outro animal, macerada em cal, raspada e polida, para servir de material de escrita, e também de encadernação. (Ferreira, 1986)

duas atividades independentes, distantes, que não eram praticadas concomitantemente.

Entre os séculos II e IV da era cristã, uma nova e revolucionária forma de livro manuscrito impôs-se em detrimento do livro em forma de rolo, que era familiar aos leitores gregos e romanos da Antigüidade. Surgia então, um novo suporte de escrita e de leitura chamado códice. Chartier (1999) define o códice como folhas de papiro dispostas em cadernos que se assemelhavam ao livro moderno. As folhas eram dobradas um certo número de vezes, o que determinava o formato do livro. Os cadernos formados a partir das folhas dobradas eram montados, costurados uns aos outros e finalmente encadernados. Tais cadernos substituíram progressiva e inelutavelmente os rolos que até então carregavam a cultura escrita. O códice, como nova materialidade da escrita, transformou profundamente as formas de lidar com o texto. Gestos impensáveis na era do rolo tornaram-se hábitos. Seguem-se alguns exemplos: escrever enquanto se lê, folhear uma obra, comparar duas ou mais obras abertas, localizar trechos a partir da paginação e da indexação. Em outras palavras, a partir do códice, surgia uma nova e atraente forma de lidar com a palavra escrita. O códice permitiu uma localização mais fácil e uma manipulação mais agradável do texto.

Além dos novos gestos e das novas formas de escritores e leitores lidarem com os textos, o surgimento do códice permitiu que houvesse uma redução nos custos da fabricação do livro. Isso porque o códice possibilitou a utilização dos dois lados da página, a redução das margens e a reunião de um grande número de textos em volumes menores. Chartier (1998) nos lembra que inicialmente, no entanto, não existiu a preocupação em agrupar um grande número de textos em um códice somente. Nos primeiros séculos de sua existência, os códices mantinham um tamanho modesto e comportavam menos de 150 folhas, ou seja, 300 páginas. O que, na contemporaneidade, pode parecer um número significativo de páginas, entre os séculos II e IV não passava de um número moderado de páginas, insuficiente para comportar o conteúdo de vários rolos. Somente a partir do século V o número de páginas aumentou e os códices passaram a absorver o conteúdo de vários rolos.

Apesar da passagem do rolo da cultura antiga ao códice ter sido uma evolução significativa, é importante lembrar que tal transição não ocorreu sem perdas. Alguns textos desapareceram durante a transição do rolo ao códice. No

período desta transição, alguns textos contidos em rolos foram transcritos para os códices. No entanto, infelizmente, o processo de transcrição de textos acarretou perdas de trechos ou de livros importantíssimos da Antigüidade. Chartier (1999) nos lembra, que na Antigüidade grega e romana, a palavra livro³ se referia à divisão do texto no rolo e observa que nas obras de muitos historiadores da Antigüidade faltam alguns livros ou trechos importantes. Apesar das eventuais perdas textuais presentes no período de transição do rolo ao códice a evolução e revolução dos suportes textuais continuaram constantes.

Embora o formato do códice tenha se mantido praticamente o mesmo desde o seu aparecimento entre os séculos II e IV, as formas de confeccioná-lo, a colagem das páginas, o tamanho destas e a escrita contida nos cadernos sofreram grandes alterações. Chartier (2002) menciona que um fato importante ocorreu no final da Idade Média, nos séculos XIV e XV: o aparecimento do 'livro unitário'. Tal livro se constituía pela presença, dentro de um mesmo livro manuscrito, de obras compostas em língua vulgar por um único autor, como: Petrarca, Boccaccio ou Christine de Pisan. Antes do aparecimento do 'livro unitário', a lista de escritores da época era composta apenas pelas autoridades canônicas antigas e cristãs e as obras escritas em latim, o que dificultava muito o acesso às obras literárias pelos leitores que somente dominassem a língua vulgar naquele tempo.

O século XV marcou também uma grande evolução, que, seguindo o caminho do 'livro unitário', iria democratizar o acesso às obras literárias. Tal democratização foi marcada pela revolução que Gutenberg gerou com a invenção da imprensa. Até então, só era possível reproduzir um texto copiando-o à mão, mas, de repente, uma nova técnica, baseada nos tipos móveis e na prensa, alterou consideravelmente a relação dos escritores e dos leitores com a cultura escrita. Com a passagem do texto manuscrito para o impresso, o custo do livro diminuiu e o tempo de reprodução do texto foi reduzido graças ao trabalho da oficina tipográfica. Chartier (2001) afirma que, com a invenção da imprensa, Gutenberg abriu na história do Ocidente a possibilidade de multiplicação inédita de textos. Antes disso, a reprodução de textos era vagarosa na medida em que era feita manualmente. A multiplicação de textos

³ Na obra *A cidade de Deus* escrita por Santo Agostinho entre os anos 413 e 426, o termo códice nomeava o livro enquanto objeto físico e a palavra latina *liber* (livro) era empregada para marcar as divisões da obra. Desta forma, 'livro' correspondia à quantidade de textos que um rolo podia conter. A obra *A cidade de Deus*, por exemplo, era composta de 22 livros. (Chartier, 1998)

aliada à redução dos custos de produção possibilitou a penetração da cultura escrita em setores sociais tradicionalmente fora do mundo escrito.

Embora admita a importância de Gutenberg e de todas as transformações decorrentes da invenção da imprensa, Chartier (1999) afirma que a invenção da imprensa não foi uma revolução tão radical quanto se diz. Para ele, um livro manuscrito e um livro pós-Gutenberg se baseiam nas mesmas estruturas fundamentais, que são as do códice. Tanto um livro pós-Gutenberg quanto um códice são compostos de folhas dobradas um certo número de vezes, o que determina o formato do livro e a sucessão dos cadernos. Além disso, de acordo com Chartier (1999), a distribuição do texto na superfície da página, os elementos que permitem as identificações - tais como a paginação, as numerações, os índices, os sumários - existem desde a época do manuscrito. Desta forma, de seu ponto de vista, há uma continuidade muito forte entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso; segundo ele, a revolução da imprensa não gerou a aparição do livro.

A realidade pós-Gutenberg, certamente, foi a realidade da proliferação das leituras e das escritas no Ocidente, a partir de uma tecnologia que, de acordo com Chartier (2002), continua sendo até os dias de hoje uma das técnicas mais utilizadas para a reprodução da escrita e para a produção de livros. A partir da passagem do rolo ao códice, muitas transformações ocorreram, porém estas não ocorreram somente nos suportes textuais. Podemos perceber, também, alterações relevantes nas relações entre escritores e seus textos assim como nas relações entre os leitores e os textos lidos. Nas próximas seções, farei uma breve descrição dessas alterações.

2.1.2.

Transformações nas relações de escritores com seus textos a partir da passagem do rolo ao códice

Um rolo de papiro ou de pergaminho da Antigüidade grega e romana era o resultado do trabalho de dois profissionais da escrita: o escritor e o escriba. Tais profissionais trabalhavam concomitantemente e eram responsáveis por atividades distintas durante a confecção de uma obra literária.

Ser escritor de rolos não estava vinculado ao ato da escrita propriamente dito, mas às idéias e ao conteúdo de uma obra. Ao escritor de rolos cabia pensar, refletir, comparar, estudar e criar obras. Já o escriba era responsável pelo ato de escrever, ou seja, era o profissional que copiava manuscritos ou que escrevia textos ditados, geralmente pelos escritores. Os textos ditados eram manuscritos em rolos de papiro ou de pergaminho, dispostos horizontalmente nos rolos e distribuídos em colunas. Para grande parte dos escritores da Antigüidade, a voz era um elemento essencial durante o ato de escrever. Ditar reflexões, notas ou idéias a um escriba representava a liberdade e a mobilidade procuradas pelos escritores de rolos. Sendo assim, surge um questionamento inicial a respeito dos escritores e dos escribas: por que o escriba era um profissional tão importante na confecção das obras literárias da Antigüidade?

Imaginar os escritores de rolos da Antigüidade grega e romana significa imaginar autores limitados, restritos, com pouca mobilidade e dependentes durante o ato de escrever. O rolo era um suporte textual pouco prático, que fazia com que os escritores mobilizassem suas duas mãos para segurá-lo. Como mencionado anteriormente, era necessário desenrolar o texto com a mão direita e enrolar as partes lidas com a mão esquerda. Desta forma, consultar e comparar várias obras ao mesmo tempo, durante o processo de escrita, se tornava uma tarefa árdua para os escritores de rolo. Para estes, parecia praticamente impossível ler durante a escrita ou fazer anotações durante a leitura. Sendo assim, a escrita e a leitura eram dois atos distantes e praticados separadamente. Diante das limitações e restrições, o escritor da Antigüidade contava com o escriba durante a confecção de suas obras. Chartier (1998) nos fala a respeito das limitações do escritor de rolos e de sua relação com o escriba:

“... um autor não pode escrever ao mesmo tempo em que lê. Ou bem ele lê, e suas mãos são mobilizadas para segurar o rolo, e neste caso, ele só pode ditar a um escriba suas reflexões, notas, ou aquilo que lhe inspira a leitura. Ou bem ele escreve durante sua leitura, mas então ele necessariamente fechou o rolo e não lê mais. Imaginar Platão, Aristóteles ou Tito Lívio como autores supõe imaginá-los como leitores de rolos que impõem suas próprias limitações.” (Chartier, 1999, p.24)

Com o surgimento do códice, a partir do século II da era cristã, os escritores se depararam com uma nova maneira de lidar com seus textos. A partir do seu

formato em cadernos, o códice possibilitou grandes transformações no ato de escrever.

Inicialmente, o códice permitiu que os escritores abrissem mão dos escribas e passassem a ter mais autonomia e liberdade para escrever suas obras. Além disso, os escritores podiam ler e escrever simultaneamente ou consultar e comparar obras abertas diante de si. Tais possibilidades se devem ao fato de o códice ser um suporte que pode ser posto sobre a mesa ou escrivaninha, ou ser segurado em uma só mão enquanto com a outra se escreve ou se fazem anotações. Desta forma, os escritores de códices eram aqueles que refletiam, pensavam, comparavam e criavam obras, e exerciam o ato de escrita propriamente dito. Uma vez estabelecido o predomínio do códice, os escritores passaram a lidar com novas possibilidades de construção e de organização de suas obras. O códice parecia ter proporcionado aos escritores a possibilidade de um trabalho autônomo, livre e sem interferências de outros profissionais da escrita.

Entretanto, Chartier (1998) ressalta que, apesar da liberdade e da mobilidade adquiridas com o códice, os escritores não confeccionavam suas obras de forma autônoma. Assim como os escritores de rolos produziam suas obras juntamente com os escribas, os escritores de códices também contavam com profissionais da escrita para produzir suas obras. Como resultado, a partir do surgimento do códice e principalmente da criação da imprensa, escrever significou lidar com alguns profissionais da escrita como: os tipógrafos, os impressores, os livreiros, os corretores e os editores. Desta forma, um novo suporte textual fez surgir novos profissionais da escrita e diferentes funções.

A partir da criação da imprensa, no século XV, o escritor produzia seus textos individualmente e posteriormente os enviava aos profissionais da escrita. Os tipógrafos e os impressores, também chamados de operários compositores, eram os primeiros a receber os textos. Os tipógrafos eram responsáveis pelas escolhas gráficas e ortográficas dos textos. É importante lembrar que nem todos os tipógrafos tinham a mesma forma de ortografar as palavras ou de marcar a pontuação. Cabia assim, aos impressores decidir a composição tipográfica das páginas, de acordo com suas preferências. Além dos tipógrafos e dos impressores, havia um terceiro grupo de profissionais da escrita: os corretores. Tais profissionais - escrivães, graduados, professores e letrados - eram contratados por livrarias e impressores que buscavam garantir a maior correção possível às obras impressas. Eles eram

responsáveis por acrescentar letras maiúsculas, acentos e pontuações aos textos que seriam impressos. Além disso, os corretores preparavam o manuscrito que servia de original para a composição impressa, corrigiam as provas e faziam a correção e revisão durante a tiragem. Chartier (2002) ressalta que a ortografia, a acentuação e a pontuação de uma obra não eram frutos do desejo dos escritores, mas dos hábitos e escolhas dos tipógrafos, dos impressores e dos corretores. Após as etapas com os tipógrafos, impressores e corretores, o material impresso, o livro, era encaminhado ao livreiro. Tal profissional era responsável pela comercialização do material.

Chartier (2002) nos mostra que, além dos tipógrafos, dos impressores e dos corretores, um outro profissional da escrita passou a assumir um papel essencial na vida dos escritores: o editor. Este, sem necessariamente controlar a própria forma dos textos, desempenhava um papel muito importante na mediação cultural e inventava fórmulas capazes de associar repertório textual e capacidade produtiva. Chartier (1999) nos lembra que a figura do editor se fixou nos anos de 1830. Tratava-se de uma profissão intelectual e comercial que visava buscar textos, encontrar autores e controlar todo o processo que ia da correção e impressão da obra até a sua distribuição. Deste modo, a confecção de uma obra literária não dependia essencialmente do escritor, mas girava também em torno do editor, um empreendedor do texto, cuja atividade se fazia em igualdade com a dos escritores. De acordo com Chartier (2002 p. 75): “Os editores desempenharam um papel nessa tarefa, transformando, graças à imprensa, em objetos duráveis, multiplicados, difundidos, o que os outros suportes do escrito não podiam salvar do efêmero.”

Certamente a passagem do rolo ao códice transformou a história da escrita, a rotina dos escritores e a forma destes lidarem com os seus textos. A partir destas transformações, surge a seguinte questão: terá a passagem do rolo ao códice afetado também os leitores e a relação destes com os textos? A próxima seção será dedicada ao estudo da passagem do rolo ao códice tendo como foco a perspectiva e o relacionamento dos leitores com os textos lidos em rolos e em códices.

2.1.3. Dos leitores de rolos aos leitores de códices

Com a passagem do rolo ao códice, não somente as relações dos escritores com suas produções textuais sofreram alterações, como também as relações entre os leitores e os textos lidos. De acordo com Chartier (2002), a leitura do rolo da Antigüidade grega e romana era uma leitura contínua, seqüencial, que mobilizava o corpo inteiro, já que o leitor utilizava as duas mãos para segurar o rolo. Como mencionado anteriormente, o rolo, como suporte textual, não permitia que o leitor fizesse anotações durante a leitura, folheasse ou comparasse obras literárias. Tratava-se de um leitor sem liberdade para transportar o rolo ou lidar com o texto. Chartier (1998) acrescenta que a leitura na Antigüidade era predominantemente em voz alta. O leitor lia para os outros e para si mesmo para entender o sentido do que lia e para comunicar o texto aos que não sabiam decifrá-lo. Tal prática não deve ser atribuída à ausência de domínio da leitura silenciosa, mas a uma convenção cultural. Na Antigüidade grega e romana a leitura associava texto, voz, declamação, escuta e compreensão.

O surgimento do códice favoreceu um tipo de leitura diferente e com maiores possibilidades para o leitor. A leitura em voz alta continuou predominante até o século XVI. A partir deste, a leitura silenciosa tornou-se uma prática comum entre leitores letrados. Estes perceberam que a leitura silenciosa lhes permitia ler uma quantidade maior de textos, mais rapidamente. Chartier (2001) enfatiza que a disseminação da prática de leitura silenciosa não estava ligada ao surgimento do códice ou da imprensa. Sendo assim, a leitura em voz alta se manteve mesmo após o surgimento do códice e da invenção de Gutenberg. De acordo com Chartier (1998), a leitura em voz alta permanecia como uma prática freqüente, pois, era uma das formas fundamentais de sociabilidade familiar, erudita, mundana ou pública. Ler e ouvir eram praticamente sinônimos.

Independente de uma leitura silenciosa ou em voz alta, Chartier (2002) nos mostra que o códice possibilitou uma leitura fragmentada, mas que sempre percebia a totalidade da obra, identificada por sua própria materialidade, ou seja, pelo suporte. A partir do códice, o texto mudou de posição e passou a correr verticalmente. O leitor tornou-se então mais livre e participativo durante a leitura, a partir da possibilidade de colocar o códice diante de si sobre uma mesa ou então de

segurá-lo. Desta forma, o leitor de códice podia fazer anotações, segurar e transportar o livro mais facilmente. O leitor pós-códice se caracterizava pela liberdade e pela mobilidade durante o ato de leitura.

Tal mobilidade e liberdade do leitor pós-códice se acentuaram consideravelmente após a invenção de Gutenberg, no século XV, que marcou o início da multiplicação dos textos e das obras literárias no Ocidente. Os séculos que se seguiram à invenção de Gutenberg marcaram a história da liberdade na leitura, quando os leitores se permitiam comportamentos mais variados e mais livres. Os comportamentos e gestos que acompanham o ato de ler mudam ao longo do tempo. De acordo com Chartier (1999), novas atitudes são inventadas e outras se extinguem de acordo com os suportes textuais. Do rolo ao códice, várias rupturas marcaram a história das maneiras de ler. Entretanto, é importante lembrarmos sempre que os novos suportes não trazem somente novas atitudes e gestos durante o ato de leitura, trazem também, novas formas de compreender uma obra literária. Um novo suporte implica uma nova forma de interpretar um texto, a partir de uma nova forma de leitura. Como afirma Chartier (1998, p.11): “... um texto só existe se houver um leitor para lhe dar significado.”

As relações escritores/textos e leitores/textos sofreram alterações com a passagem do rolo ao códice, porém, tal mudança de suporte e estudo de ambas relações nos traz novos questionamentos: como se dava o relacionamento entre leitores e escritores pré e pós-códice? A passagem do rolo ao códice também transformou tal relação? A seguir, farei uma breve discussão das relações entre escritores e leitores, e uma investigação de como a interação entre escritores e leitores se dava a partir dos suportes rolo e códice.

2.1.4.

A interação entre escritores e leitores de rolos e de códices

De acordo com Chartier (1999), a interação entre escritores e leitores de rolos e de códices era quase inexistente. O historiador enfatiza que o rolo e o códice, como suportes textuais, tornavam os leitores mais restritos em relação aos usos, intervenções e manuseios do texto. Tanto no livro em rolo, como no livro em códice, o leitor podia interagir com o texto. Tal interação era parcial, limitada e quase

clandestina, ou seja, normalmente ocorria nos espaços deixados em branco no texto: margens, folhas em branco ou contracapa. Como enfatiza Chartier (1998):

“... o leitor não pode insinuar sua escrita a não ser nos espaços virgens do livro... Se o leitor pretende, todavia, inscrever sua clandestinidade no objeto, ele só pode fazê-lo ocupando sub-repticiamente, clandestinamente, os espaços do livro deixados de lado pelo escrito: contracapa do encadernamento, folhas deixadas em branco, margens do texto, etc.” (Chartier, 1998, p. 103)

O leitor tinha a possibilidade de deixar nas margens dos textos suas opiniões, questionamentos ou até sugestões, que seriam lidos em seguida por um outro leitor, que também poderia deixar nas margens suas anotações e criar assim, um grande diálogo que poderia ou não chegar ao conhecimento do escritor do texto. Para Chartier (1999), existe uma clara divisão, que se marca tanto no rolo antigo como no códice medieval ou moderno, entre a autoridade do texto, oferecido pela cópia manuscrita ou pela composição tipográfica, e as intervenções do leitor, necessariamente indicadas nas margens, como um lugar periférico e de importância inferior em relação ao texto do livro e sua autoridade. Tratava-se, portanto, de uma interação periférica e marginal que não deveria alterar ou ameaçar o conteúdo do texto original.

Por outro lado, a relação entre escritores e leitores de códices era dificultada por todo o percurso que o texto fazia do escritor até o leitor. O texto passava por corretores, tipógrafos, impressores e editores, ou seja, por uma série de triagens e hierarquias que dificultavam e distanciavam a interação entre escritores e leitores medievais.

Contudo, os homens do século XVIII, viam a circulação do escrito, possível com a revolução de Gutenberg, como a própria condição do progresso. O século XVIII também era conhecido como o século das Luzes ou Iluminismo e se caracterizou pela centralidade da ciência e da racionalidade crítica no questionamento filosófico. Chartier (1999) nos mostra que, para os homens do século XVIII, todos estavam em igualdade para julgar as instituições e opiniões e submeter à discussão suas próprias idéias, a partir da circulação do escrito. No século XVIII, se pensava que Gutenberg tinha oferecido aos homens a possibilidade de comunicação universal, ou seja, uma utopia de poder construir um espaço de intercâmbio crítico de idéias, opiniões, saberes e informações.

O sonho de Kant, surgido no século das Luzes, era o de que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. A circulação dos escritos permitiria que escritores e autores estivessem em constante sintonia, comunicação e interação. Tratava-se da concretização da comunicação universal a partir da circulação, produção e recepção do escrito. Uma universalização que se apoiava na privacidade de cada um, mas se caracterizava pela rede de intercâmbio de idéias, juízos e críticas. Chartier (2001) nos diz que, de acordo com Kant, o processo do Iluminismo estaria completo quando a entidade abstrata e filosófica de uma opinião pública fosse adequada ou igual à realidade social do universo. E, finalmente, quando cada pessoa, com as capacidades de leitura e de escrita, pudesse atuar em uma dimensão crítica na sociedade.

A utopia da comunicação e da interação universais, no entanto, se deparou com algumas limitações. Uma delas foi a pluralidade das línguas no mundo da comunicação impressa. De acordo com Chartier (1999), nenhum leitor poderia jamais dominar a totalidade das línguas necessárias para ter acesso à universalidade do patrimônio escrito. Existiram projetos de línguas universais, mas todos foram abandonados após fracassarem. Persistia assim, um limite para a realização do universal e para uma real relação interativa entre escritores e leitores.

O que existia na realidade do rolo e do códice eram os escritores e suas produções literárias, em alguns momentos mediados por editores, e leitores não participativos e não interativos. A comunicação universal, de acordo com Chartier, não se concretizou nos suportes off-line. O sonho de Kant não foi possível de se realizar a partir do rolo e do códice como suportes textuais. Chartier nos leva, portanto, a investigar e a refletir a respeito de um terceiro suporte textual, o suporte contemporâneo que é a tela do computador. Seria este suporte capaz de tornar o sonho de Kant realidade e transformar as relações entre escritores e leitores em relações realmente interativas? As próximas seções deste trabalho terão como foco a escrita, a leitura, os leitores e os escritores a partir da tela do computador como suporte textual.

2.2.

A Revolução Digital: escrita e leitura em um suporte on-line

Chartier (1999) nos mostra que existe uma tentação inicial de se comparar a revolução eletrônica do século XX, com a revolução de Gutenberg no século XV. A revolução eletrônica, também chamada por Chartier de revolução digital, permitiu o surgimento da tela do computador como suporte textual e, com ela, a escrita e a leitura on-line. É, assim, a mais recente revolução dos suportes textuais. Desta forma, Chartier (1998) nos propõe uma questão inicial: como situar, na história do livro, da leitura e de suas relações com o escrito, a revolução que faz a passagem do livro, como conhecemos, para o texto eletrônico e para a leitura na tela?

Sem desconsiderar a importância dada à revolução de Gutenberg e ao surgimento da imprensa, Chartier (1998) afirma que a revolução do texto eletrônico é mais importante:

“A revolução do nosso presente é mais importante do que a de Gutenberg. Ela não somente modifica a técnica de reprodução do texto, mas também as estruturas e as próprias formas do suporte que o comunica aos seus leitores.” (Chartier, 1998, p.97)

Chartier (2002) chama o surgimento da textualidade eletrônica de ‘terceira revolução do livro’. Ele considera a passagem do rolo ao códice, entre os séculos II e IV, como a primeira revolução do livro, a revolução de Gutenberg, no século XV, como a segunda revolução do livro e o surgimento da Internet e da escrita e da leitura eletrônicas, no século XX, como a terceira revolução do livro. Esta, representou e ainda representa grandes transformações em relação ao suporte textual e às formas de escritores e leitores lidarem com os textos a partir da tela do computador. Tais transformações podem ser duvidosas para alguns e aplaudidas por outros, mas o fato é que marcam a contemporaneidade e trazem novas crenças e teorias que dizem respeito à produção textual, escritores e leitores, assim como novos questionamentos. São estas novas teorias e questionamentos que serão discutidos a seguir.

2.2.1. A tela do computador como suporte textual

Chartier (2002) considera a revolução eletrônica como uma revolução original da escrita e da leitura. Para ele, a originalidade da revolução do texto eletrônico apóia-se no fato de obrigar os escritores e os leitores contemporâneos a abandonarem todas ou grande parte das heranças deixadas pelo rolo e pelo códice. A entrada no mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura, ou seja, propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos e impõe-lhes uma nova forma de inscrição. O mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o 'livro unitário' e está alheio à materialidade do códice. A textualidade eletrônica transforma a modalidade técnica da produção do escrito, a percepção das entidades textuais e as estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita. Surge, assim, uma sensação de inquietação nos escritores e nos leitores contemporâneos, que devem transformar seus hábitos para entender uma profunda mutação no mundo dos livros e da cultura escrita.

A contemporaneidade nos permite que em um único aparelho, a tela do computador, surjam diversos tipos de textos que eram, anteriormente, distribuídos entre suportes diferentes como: o rolo de papiro, o códice manuscrito, o códice impresso, o livro, o jornal ou a revista. A partir da tela do computador como suporte textual, qualquer texto pode ser lido ou escrito em um mesmo e único suporte. Chartier (2002) não quer dizer com isso que a tela do computador irá substituir ou já está substituindo o códice impresso, tal como o conhecemos em suas diferentes formas: livro, revista ou jornal. Para o historiador, o mais provável para as próximas décadas é a coexistência entre as duas formas do livro: impresso e eletrônico. Com sua hipótese da coexistência do impresso e do eletrônico, Chartier (2002) procura evitar os possíveis debates e lamentações a respeito do desaparecimento do livro impresso, surgidos a partir da textualidade eletrônica. Esta coexistência nos leva a refletir e a considerar uma nova forma de construção dos discursos a partir da modalidade de escrita e de leitura utilizada no suporte on-line.

A textualidade eletrônica transforma a ordem dos discursos, e principalmente a noção de contexto, que não mais pode ser diferenciada pela sua materialidade. Escritores e leitores devem enfrentar, com a textualidade on-line, o desaparecimento dos critérios imediatos, visíveis e materiais, que lhes permitiam

distinguir, classificar e hierarquizar os discursos como: paginações, indexações, citações, notas de pé de página, capítulos ou anexos. Se, como Chartier (2002) diz, as formas têm um efeito sobre os sentidos, a tela do computador introduz uma nova forma de interpretar e de dar sentido aos textos, assim como faz surgir novas formas de leitura e de escrita. Portanto, a tela do computador como suporte textual nos oferece a possibilidade de organizar de forma diferente e mais flexível o que o livro em forma de códice distribui de forma linear e seqüencial.

A revolução textual eletrônica trouxe consigo o hipertexto e a hiperleitura. Por hipertexto entende-se um texto não linear e não seqüencial, repleto de links⁴, que permita uma hiperleitura, ou seja, uma leitura também não linear e não seqüencial e que irá depender das escolhas do leitor. Chartier (2002) afirma que o hipertexto e a hiperleitura transformam as relações possíveis entre as imagens, os sons e os textos, conectados de maneira não linear, de forma ilimitada. Sendo assim, a técnica digital torna os textos móveis, maleáveis e abertos.

São inúmeras as transformações advindas do suporte de escrita e de leitura on-line. Portanto, a seguir, discutirei os impactos que a tela do computador, como suporte textual, teve e ainda está tendo nos escritores e nos leitores contemporâneos.

2.2.2. Os escritores e os seus textos on-line

Os escritores pós-revolução digital viveram e ainda vivem grandes transformações. Transformações e evoluções que têm feito com que o ato de escrever textos on-line se torne cada vez mais um ato democrático e possível a todos que tenham acesso à Internet. Na atualidade, ser um escritor que publica textos on-line não parece uma atividade tão distante, repleta de dificuldades ou restrita a um pequeno grupo como na era do rolo de papiro e do códice. A tela do computador, como suporte textual contemporâneo, parece trazer uma liberdade,

⁴ Na Internet, um link é qualquer elemento de uma página na *web* que possa ser clicado com o *mouse*, fazendo com que o navegador passe a exibir uma nova tela, figura, documento, etc. Permitindo assim, que o leitor se desloque de uma tela para outra e leia ou escreva documentos de forma não seqüencial. (Nicolaci-da-Costa, 1998)

uma maleabilidade e possibilidades aos escritores nunca imaginadas e vividas em nenhum momento da história da escrita.

Chartier (2001) nos fala que ainda existem poucos estudos sobre os escritores e a escrita on-line dos séculos XX e XXI. Desta forma, ainda faltam informações e mais detalhes a respeito. Por outro lado, já é possível perceber um discurso negativo e temeroso de alguns editores que se amedrontam frente ao mundo da edição eletrônica. Tais editores ainda temem o desaparecimento do livro impresso em decorrência das publicações eletrônicas. Para Chartier, tal desaparecimento é inviável, pois, a cultura da escrita e da leitura contemporâneas é a cultura que possibilita a coexistência do manuscrito, do impresso e do eletrônico. A tela do computador não significa o fim do livro impresso ou da cultura manuscrita. Ela implica uma redistribuição dos papéis dos escritores e dos leitores contemporâneos e uma complementação entre os diversos suportes de escrita e de leitura existentes. Além disso, a tela impõe uma nova relação, física, intelectual e estética, com o mundo dos textos. Apesar dos poucos estudos a respeito dos escritores e da escrita eletrônica, Chartier (2002) faz algumas considerações a respeito.

Como já mencionado, Chartier (2002) afirma que a técnica de escrita digital, surgida no século XX, torna os textos móveis, maleáveis, abertos e flexíveis. A tela do computador como suporte de escrita redefine o papel do escritor e a relação deste com o texto. Se, por um lado, o escritor contemporâneo ganha uma certa imobilidade diante da tela do computador, já que necessita ficar diante desta em uma determinada posição para realizar o seu trabalho, por outro, o escritor de textos on-line se depara com uma enorme mobilidade. Diante do suporte textual on-line, o escritor pode comparar inúmeras obras literárias, fazer anotações sobre diversas obras, copiar textos para consultas posteriores, escrever vários textos ao mesmo tempo, corrigir, alterar, apagar, incluir, mudar ordens de trechos, enfim, o escritor contemporâneo é agraciado com uma gama de possibilidades a partir de um único suporte textual. Tais possibilidades jamais foram imaginadas nas eras do rolo de papiro, do códice manuscrito ou do códice impresso e podem ser consideradas como as principais conquistas dos escritores de textos on-line.

Publicar textos on-line significa muitas vezes publicar textos autênticos, na íntegra e sem restrições ou censuras. A revolução textual eletrônica e o aparecimento do hipertexto permitiram que qualquer pessoa com acesso à Internet pudesse publicar textos livremente e sem mediações. Desta forma, o escritor

contemporâneo é livre para publicar textos sem mediadores e sem necessariamente passar pelo crivo de corretores, tipógrafos ou editores, ou seja, sem que seus originais sejam avaliados e alterados. Diferentemente da Antigüidade e da era pós-códice, o escritor, a partir do hipertexto, pode desenvolver sua argumentação segundo uma lógica que não é mais necessariamente linear e dedutiva, mas sim, aberta e expandida e que trará aos leitores novas formas de leitura e de interpretação. Trata-se, portanto, de uma escrita não linear, hipertextual e repleta de links, permitindo um deslocamento de um texto a outro e uma escrita sem uma ordem fixa.

Textos móveis, maleáveis e sem mediadores, é esta a realidade e a possibilidade que a revolução do texto eletrônico nos traz. Para Chartier (2001), tal realidade é a realização do sonho de Petrarca, que, no final da Idade Média, revolucionou e quebrou regras dispensando mediadores e assumindo ele mesmo o papel de escritor e de copista de sua obra literária. Como nos diz Chartier (2001, p.153): “Petrarca é talvez a figura fundadora porque ele foi seu próprio copista; produziu a cópia autorizada de seus textos, de modo que este ‘arquétipo’ textual, sem corrupção, é produto de sua própria mão.” Parece que a textualidade eletrônica realiza o sonho de Petrarca, ou seja, possibilita que os escritores produzam sem corrupções e sem intermediários. No entanto, seria o sonho de Petrarca, almejado por grande parte dos escritores, realmente possível com a escrita eletrônica? A grande e importante diferença entre o sonho de Petrarca e a realidade da escrita on-line é que Petrarca imaginava que quando seu texto chegasse ao leitor, este não poderia de nenhuma maneira transformar o texto recebido. Sabemos, no entanto, que o leitor de textos on-line, na maioria das vezes, pode transformar um texto de um autor e até se apropriar do texto, divulgando este como de sua autoria ou da de qualquer outra pessoa.

Chartier (2002) menciona que uma das grandes mutações ligadas ao mundo eletrônico refere-se ao que ele chama de ordem das propriedades, tanto em um sentido jurídico, o que fundamenta a propriedade literária e o *copyright*⁵, quanto em um sentido textual, o que define as características e propriedades de um texto. As ordens das propriedades são de certa forma ameaçadas com o texto eletrônico. Por este ser maleável e flexível, o leitor pode intervir em seu próprio conteúdo e não

⁵ *Copyright* é o direito exclusivo do autor, compositor ou editor de imprimir, reproduzir ou vender obras literárias, artísticas ou científicas; direito autoral de uma obra. (<http://houaiss.uol.com.br>)

somente nos espaços deixados em branco pela composição tipográfica, ou seja, nas margens, como faziam os leitores de rolos e de códices. Desta forma, existe a possibilidade de um desaparecimento do real autor, já que os textos são constantemente modificados por uma escrita coletiva, múltipla e polifônica. O desaparecimento da apropriação individual dos discursos é uma realidade e uma dificuldade enfrentada pelos escritores on-line da contemporaneidade.

Somos levados, portanto, a refletir a respeito dos dispositivos que permitirão delimitar, designar e identificar textos estáveis, dotados de uma identidade perpetuada e perceptível no mundo móvel da textualidade digital. Devemos nos questionar se textos estáveis são realmente possíveis de serem encontrados on-line. Para Chartier (2002), será possível publicar textos on-line por meio de duas maneiras: uma que continuará a oferecer textos abertos, maleáveis, flexíveis e gratuitos, e outra que resultará de um trabalho editorial que necessariamente fixará, fechará e protegerá os textos publicados para o mercado. Atualmente já existem programas específicos no computador que permitem que o autor fixe e feche os seus textos e os preserve de possíveis invasões, como por exemplo, o programa Adobe PDF⁶ (*Portable Document Format*), criado pela empresa americana Adobe Systems. Este é um programa disponível publicamente e utilizado para distribuição e troca segura e confiável de documentos eletrônicos. Contudo, a Internet é muito dinâmica, rápida e está sempre em mutação. Não sabemos até quando tais programas serão seguros e realmente capazes de proteger as produções dos autores de possíveis apropriações indesejáveis.

O fato é que as questões da autoria e da apropriação textual ainda continuam em debate na atualidade. São questões polêmicas em um suporte textual muito recente e que certamente ainda serão temas de muitas discussões futuras. Certamente, a tela como suporte de escrita e de leitura tem sido responsável por grandes alterações nas relações que os escritores mantêm com seus textos. Por ser um suporte recente e ainda em estudo, não é minha intenção encontrar respostas para as questões levantadas nesta seção, mas sim, incitar um debate a respeito de um tema tão instigante que é a tela do computador como suporte de escrita e de leitura. Tal suporte transformou e ainda transforma as maneiras de os autores lidarem com os seus textos, porém, tais transformações nos levam a nos questionar

⁶ Para maiores detalhes checar: <http://www.brasil.adobe.com>

a respeito das relações dos leitores com os textos lidos na tela do computador. Como a revolução do texto eletrônico afetou e ainda está afetando os leitores de textos on-line? A seção seguinte desta investigação se dedicará ao debate de tal questão.

2.2.3. Os leitores de telas

A inscrição do texto na tela do computador cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de forma alguma a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antigüidade grega e romana ou o leitor medieval, moderno e contemporâneo, do livro manuscrito ou impresso. O fluxo seqüencial do texto na tela do computador, a continuidade deste, o fato de que suas fronteiras (capas, páginas, capítulos, índices, etc) não são mais tão radicalmente visíveis, agregado ao fato de que o leitor da tela tem a possibilidade de embaralhar, entrecruzar e decidir a ordem da leitura fazem com que a revolução digital seja uma das mais importantes revoluções nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler.

O leitor contemporâneo que usa a tela do computador como suporte é livre. Livre, pois o novo suporte textual permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais concretos do que qualquer uma das formas antigas do livro. As intervenções dos leitores de telas não se restringem mais aos espaços deixados em branco ao redor do texto, ou seja, às margens. A tela como suporte textual, convida o leitor contemporâneo a intervir no coração do texto e a participar ativamente da produção textual. Sendo assim, leitores e autores se confundem e se fundem em um suporte material, que faz com que os leitores pós-revolução eletrônica se tornem participativos, desempenhando assim, um papel relevante na produção textual. O leitor de telas tem a possibilidade de submeter o texto recebido às suas próprias decisões. Desta forma o leitor pode reescrever, incluir ou excluir partes do texto original.

De acordo com Chartier (2002), diante de diversos tipos de textos que na atualidade são lidos em um único suporte, os leitores de telas se deparam com uma inquietação e confusão ao enfrentarem o desaparecimento de critérios materiais e

visíveis que lhes permitiam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos. A tela do computador dispensa os usos de capítulos, paginações, citações, indexações e anexos usados nos livros off-line. Com isso, é desenvolvida uma leitura descontínua e não linear, que busca a totalidade textual a partir de palavras-chave, links ou fragmentos textuais, Chartier (2002, p.31) acredita que:

“É preciso considerar que a tela não é uma página, mas sim, um espaço de três dimensões, que possui profundidade e que nele os textos brotam sucessivamente do fundo da tela para alcançar a superfície iluminada.” (Chartier, 2002, p.31)

Sendo assim, a leitura do texto eletrônico é composta de uma textualidade móvel e infinita, que permite ao leitor ajustes textuais singulares e efêmeros. A textualidade eletrônica nos remete ao mundo das navegações, tendo a tela como suporte, navegamos de um texto a outro a partir de links. Uma navegação infinita, que faz com que Chartier (2002) nos leve à obra de Jorge Luis Borges (1984) com os seguintes questionamentos:

“Será o texto eletrônico um novo livro de areia cujo número de páginas era infinito, que não se podia ler...? Ou propõe ele já uma nova e promissora definição de livro capaz de favorecer e enriquecer o diálogo que cada texto estabelece com o seu leitor?” (Chartier, 2002, p.31)

Chartier (2002) nos diz que ninguém ainda sabe as possíveis respostas para tais questionamentos, mas que, a cada dia, como leitores de telas, nos deparamos com novas atitudes em relação aos textos e aos seus escritores. Tal fato faz com que Chartier acredite que a tela, como suporte textual, possibilitou e ampliou um real diálogo entre escritores e leitores. Seria tal diálogo realmente possível a partir da tela do computador como suporte de escrita e de leitura? A concretização do diálogo e da interação entre escritores e leitores de textos on-line será discutida a seguir.

2.2.4.

Escritores e leitores de textos on-line: uma possível interação?

No século XVIII, século das Luzes, o filósofo Immanuel Kant tinha um sonho relacionado à circulação do escrito e à condição do progresso. Como descrito

anteriormente, Kant sonhava que cada um fosse ao mesmo tempo autor e leitor, ou seja, qualquer pessoa deveria ter o direito de emitir julgamentos e de refletir sobre as opiniões emitidas pelos outros. A partir da revolução de Gutenberg e com a multiplicação de textos decorrente desta, acreditou-se na utopia de uma comunicação e de um intercâmbio universais de idéias através da escrita. O sonho de Kant, porém, não passou de uma utopia, e uma das razões para que esta não se tornasse realidade na era do rolo e do códice foi a pluralidade de línguas e o fracasso na tentativa de criação de uma língua universal. Desta forma, Chartier (1999) nos lança uma questão e reflete a respeito da possibilidade de o sonho de Kant se tornar realidade na contemporaneidade a partir da tela do computador como suporte textual. Será a revolução digital a encarnação do projeto das Luzes possibilitando um livre debate entre escritores e leitores, um debate possível graças à tela como suporte textual e à Internet? Chartier (2002) afirma:

“A correspondência eletrônica entre o autor e seus leitores, transformados em co-autores de um livro nunca acabado, mas sim continuado por meio de seus comentários e suas intervenções, confere uma nova formulação a uma relação desejada por certos autores antigos...” (Chartier, 2002, p.112)

Chartier nos lembra, no entanto, que a promessa de uma relação mais fácil e mais imediata entre a obra e sua leitura é sedutora, mas não nos deve levar a esquecer que os leitores, que na atualidade são co-autores potenciais de livros e textos eletrônicos, são ainda minoritários. Para ele, a realidade das práticas de escrita e de leitura ainda permanece maciçamente ligada aos objetos impressos. As possibilidades oferecidas pela revolução do texto eletrônico ainda são pouco exploradas. No entanto, a tela, como suporte textual, já vem permitindo uma relação de interação entre escritores e leitores fazendo deste suporte um espaço público do qual todos que têm acesso à Internet podem participar. Para Chartier (2001) a revolução digital pode ser considerada uma nova forma de Iluminismo, onde, pela primeira vez, um meio técnico pode tornar imaginável um intercâmbio universal de idéias e discursos. Na atualidade, cada um pode entrar em uma rede informática universal e tornar realidade o sonho de Kant, cada um pode expressar suas idéias e suas críticas, e, como leitor, receber e exercer o julgamento sobre as opiniões dos outros. Além disso, os escritores têm a chance de serem seus próprios editores e distribuidores. Tal fato é possível, pois a Internet permite que qualquer pessoa torne seus textos públicos por intermédio de *websites*, páginas pessoais ou e-mails, por

exemplo. Como afirma Chartier (2001, p. 72): “A rede eletrônica proporciona o suporte técnico para este espaço público em que Kant pensou...”

Como mencionado anteriormente, o fracasso das línguas universais foi um dos empecilhos para a realização do sonho de Kant. No entanto, como é possível explicar o sonho de Kant se tornando realidade a partir da textualidade eletrônica se na contemporaneidade ainda existe uma diversidade de línguas? Como se dá a interação imediata entre escritores e leitores na Internet se a variedade lingüística ainda persiste?

Chartier (2002) afirma que a comunicação eletrônica possibilitou a utilização de uma língua universal, a partir de uma língua já existente, que sofreu alterações para melhor se adequar ao novo suporte textual e ao novo tipo de comunicação. Chartier (2002) nos diz que o inglês é a língua universalmente aceita dentro e fora da mídia eletrônica, tanto para as publicações científicas quanto para os intercâmbios informais. O inglês e suas alterações é a principal língua universal utilizada na Internet, porém, é importante ressaltar que qualquer língua utilizada freqüentemente na Internet sofre alterações e ajustes de acordo com os interesses de escritores e de leitores. Tais alterações e ajustes lingüísticos estão ligados às ferramentas utilizadas pelos escritores e pelos leitores dentro da Rede, como: e-mails, *websites*, *chats*⁷ ou salas de bate papo, blogs⁸, ICQ⁹ ou MSN¹⁰; assim como ao grau de formalidade necessário em uma interação e à faixa etária dos interagentes.

Chartier (2002) nos mostra que o mundo da comunicação eletrônica é o mundo da superabundância textual e da possibilidade de interação. Parece que a escrita e a leitura se fundem na realidade textual eletrônica, assim como escritores e leitores. Freitas (2000:182) afirma: “Ler é ao mesmo tempo escrever e a escrita se torna leitura. Toda leitura é uma escrita em potencial.”. Lévy (1999) complementa

⁷ *Chat* ou bate-papo é um tipo de comunicação on-line e em tempo real entre dois ou mais usuários. Para outras definições ver Nicolaci-da-Costa (1998).

⁸ O termo blog ou *weblog* foi criado por Jorn Barger, editor do site *Robot Wisdom*, em 1997. Jorn Barger explica em seu site que um *weblog* é uma página da *web* onde um *weblogger* (também chamado de blogueiro) ‘logs’ (registra por escrito uma viagem ou evento) outras páginas da *web* que considera interessante.

⁹ ICQ, que em inglês significa *I seek you*, é um programa de conversação on-line e em tempo real.

¹⁰ MSN é um programa de conversação on-line e em tempo real. MSN representa a abreviação do nome do programa que na língua original, o inglês, é chamado de *Messenger*.

nos dizendo que existe uma escrita-leitura coletiva no ciberespaço¹¹. A escrita-leitura coletiva de Lévy (1999) será chamada nesta pesquisa de escrita-leitura-interação, pois é na escrita e na leitura on-line que se concretiza a interação entre escritores e leitores. Escrever-ler-interagir é um ato constante no ciberespaço na contemporaneidade. Como mencionado anteriormente, tal ato pode ocorrer em e-mails, *websites*, blogs ou *chats* da Rede. Desta forma, a próxima seção desta investigação será dedicada à escrita-leitura-interação e à realização do sonho de Kant, mais especificamente, nos blogs brasileiros da Internet.

¹¹ “O ciberespaço (que também chamarei de ‘rede’) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo...” (Lévy, 1999, p.17)